



Foto: Sayuri Yamashita

Páginas 10 e 11

Por que chamamos nossos pets de filhos?

Páginas 04 a 05

Salvador reúne
desenhistas de rua

Página 12 e 13

As redes sociais chegaram
à cena teatral local

Páginas 19 e 20

Projetos esportivos
comunitários incentivam
jovens do Subúrbio



EDITORIAL

As mulheres são destaque em vários cenários e cada vez mais se mostram donas do próprio nariz. Mas isso não quer dizer que ocupar esses espaços seja fácil. É o que mostram as matérias desta edição sobre mulheres gamers, mulheres negras na tecnologia e mulheres negras na política. Nossa reportagem de capa, sobre mães de pets, levanta a questão: cães e gatos são apenas bichos queridos ou dá para comparar o amor que se tem por eles com o que se tem por um filho? A matéria sobre os ataques anônimos ao bar Caras & Bocas, pertencente a duas lésbicas e voltado ao público LGBTQI+, mostra a violência fruto do preconceito com alguns grupos da sociedade. Na cena cultural, os destaques são o primeiro evento nacional de desenho urbano realizado em Salvador e a ida para os palcos baianos de projetos que nasceram na internet abordando questões das minorias. Nos esportes, nossa equipe traz matérias sobre a popularidade do MMA na Bahia, de onde, aliás, saíram algumas das maiores estrelas brasileiras dessa luta, e sobre o impacto de projetos esportivos no Subúrbio para as crianças dessa região da cidade. Agora é só virar a página e começar a viagem por essa edição. Boa leitura!

JORNAL DA FACOM

Março 2018

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina
Oficina de Jornalismo Impresso
Primeira edição, semestre 2018-1

Reitor: João Carlos Salles
Diretora da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Edição de Arte e Diagramação: Carla A. Risso, - MTb 19.260

Editora-chefe: Juliana Brito - DRT/BA 2196

Editoras de Fotografia: Liz Santana e Ísis Almeida

Repórterxs (turma 2018.1): Adriano Motta, Amenar Costa,
Bianca Meireles, Elias Santana Malê, Flávia Braga,

Ísis Almeida, Laila Nery, Larissa Costa, Leonardo Sousa,
Liz Santana, Marcos Pascoal, Mariana Jorge, Mateus Cruz,
Priscila Dórea, Thamires Almeida

Fotógrafxs: Bianca Meireles, Brisa Andrade/LabFoto,
Elias Santana Malê, Flávia Braga, Gabrielle Guido/
LabFoto, Jorge Farias, Laila Nery, Larissa Costa,
Leonardo Sousa, Liz Santana/LabFoto, Marco Antônio
Correia/LabFoto, Marcos Pascoal, Maria Carolina/
Labfoto, Mariana Jorge, Matheus Buraneli/LabFoto,
Priscila Dórea, Saulo Miguez, Sissy Cerqueira/LabFoto,
Tiago Almeida

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

Distribuição gratuita

Contato: jornaldafacomufba@gmail.com



Luana Ribeiro em frente à primeira Faculdade de Medicina do Brasil

Para quem quer mudar de curso tem Sisu e Vagas residuais na UFBA

Arrependimento não mata!

Marcos Pascoal

Passar anos em um curso de ensino superior pode não ser garantia de emprego, mas reflete, no mínimo, a área que alguém resolveu seguir para trabalhar durante o resto da sua vida, correto?

Errado. Apesar do forte consenso social de que estudar um curso e trabalhar com o que se aprendeu é o roteiro ideal a ser seguido, para muitas pessoas o caminho trilhado nem sempre está vinculado à primeira opção do que se pensava ser a carreira da vida. E, indo contra a maré, é que parte desses profissionais encontra uma forma de unir felicidade e obrigação.

“O trabalho é a maior parte do nosso dia. Se você tem o privilégio de escolher, acho que é um pecado não escolher ser feliz”. Foi seguindo essa linha de raciocínio que Luana Ribeiro, de 30 anos, decidiu mergulhar na Medicina e dar um pouco de descanso para o Jornalismo. Formada no primeiro pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom), a soteropolitana colou grau em 2013 e foi para o mercado. Com passagens pelos veículos Correio*, A Tarde e Bahia Notícias, Luana, que procurou o Jornalismo com o sonho de gerar debates públicos, havia se estabilizado na área quando resolveu seguir outra profissão. “Cheguei a cogitar fazer ‘só pelo conhecimento’, [...] no

fundo, estava me enganando, lá dentro já sabia que eu queria fazer, mas achava um sonho impossível. Vi na Medicina, além do interesse científico, a oportunidade para ser útil, mesmo que fosse para resolver um probleminha de alguém, uma dor de cabeça... Imagino que deve ser muito gratificante no fim do dia”, explicou a estudante da UFBA.

Além do desejo pela área médica, um dos motivos que levou a jovem a priorizar o jaleco ao invés dos teclados foi a insatisfação com a realidade da prática jornalística: “Não sentia que estava, de fato, exercendo o ofício no que ele tem de mais essencial e achava que o campo havia entrado em um beco sem saída difícil de resolver, no que diz respeito ao modelo de negócio [...] Então estava muito frustrada e me sentindo meio inútil”, confessa.

Muitas pessoas decidem interromper a primeira formação para ingressar mais rapidamente na que desejam. Os motivos podem ser diversos, incluindo a retomada de um antigo sonho, a busca por uma área com uma promessa de maior retorno financeiro ou o estreitamento do interesse com a proposta do novo curso. Para alunos da UFBA que se encontram insatisfeitos com o curso que escolheram, há, além do vestibular tradicional feito pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu) que utiliza o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), outra possibilidade de mudança. Realizado uma vez por ano, a universidade abre o processo seletivo de Vagas Residuais com o objetivo de preencher as vagas

que não foram ocupadas pelas chamadas regulares ou que surgiram por motivos como desistência de alunos ou jubileamento.

Dividido em duas fases, a primeira etapa utiliza o score de entrada do vestibular e é voltada para alunos da própria instituição que desejam realizar transferência para algum curso da mesma área do curso de origem. Conforme dados apresentados na página oficial do processo, 798 discentes foram selecionados nos anos de 2017 e 2018 apenas nessa modalidade. Na segunda etapa do processo, que conta com aplicação de prova com conteúdos gerais e do curso desejado, podem se inscrever estudantes da UFBA de quaisquer áreas, alunos de outras instituições de ensino, diplomados e quem deseja a reintegração de curso. Nessa fase, a concorrência costuma ser maior. Entre 2014 e 2018, a média de inscritos foi de 3.393 candidatos.

Aprovada na primeira etapa das Vagas Residuais em 2014, Andréa Oliveira, 25 anos, largou o curso de Medicina Veterinária para estudar Fisioterapia. Atualmente no 8º semestre, ela garante que está feliz com a escolha do curso e acredita que esse processo seletivo alternativo é uma porta de entrada importante para quem não tem tanta proximidade com os assuntos do vestibular principal. “A gente tem a oportunidade de migrar para outro curso sem voltar do zero, sem precisar voltar a fazer vestibular/ENEM. Achei o processo bem tranquilo”, relata a estudante.

Desenhando a cidade

Salvador sediará pela primeira vez o Encontro Nacional Urban Sketchers Brasil

Mateus Cruz

Urban Sketchers são grupos de “croqui-zeiros urbanos” que desenharam e pintam paisagens ao ar livre. Ganham essa denominação do jornalista espanhol radicado nos Estados Unidos, Gabriel Campanaro, quando criou um blog para reunir praticantes dessa atividade artística, em 2008. Uma década depois, a prática soma mais de 230 grupos pelo mundo, incluindo a Bahia. A capital do estado, aliás, sediará pela primeira vez o Encontro Nacional Urban Sketchers Brasil, de 6 a 9 de setembro deste ano.

Essa edição do evento, que será a terceira, tem a expectativa de reunir dezenas de desenhistas, segundo o diretor nacional do Urban Sketchers Brasil, André Lissonger. “Esperamos mais de 200 desenhistas invadindo as mágicas ruas desta cidade, misturando seus traços e suas cores com os nossos usos e costumes”, diz.

Apesar do termo urban sketchers e dos grandes grupos serem criações recentes, retratar paisagens locais é algo antigo. Os pintores impressionistas, que levavam seus cavaletes para a rua, são exemplos disso.

No mundo, esses grupos vêm crescendo rapidamente, tendo se tornado, em 2009, uma organização sem fins lucrativos. Desde 2010, o Simpósio Internacional é realizado anualmente, tendo sido sediado, em 2014, na cidade de Paraty, no Rio de Janeiro.

Em Salvador, o grupo se formou por iniciativa de André Lissonger, que começou compartilhando seus desenhos pela internet com outros sketchers - como são chamados os praticantes - brasileiros. Com o passar do tempo, Lissonger, 50, que é professor dos cursos de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura (Unime), conseguiu congregar alunos e amigos. Hoje, o grupo possui por volta de cinquenta desenhistas assíduos e mais de 2 mil membros na página do Facebook. “Nos encontramos, ao mínimo, uma vez por mês. Pode ser em qualquer lugar da cidade. Pode ser de uma hora para outra, do tipo ‘Vamos desenhar a Festa de Yemanjá hoje?’”, conta.

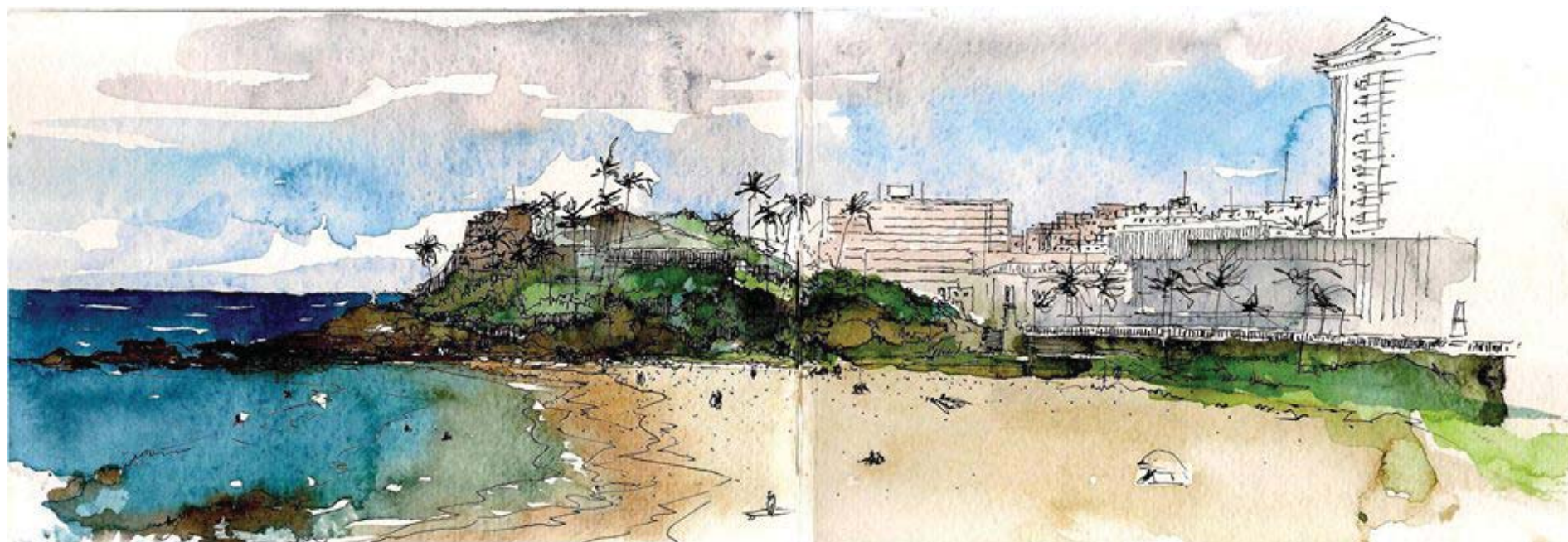
Na hora de desenhar, não existem muitas regras. Saron Damasceno, 23, estudante de Arquitetura, diz fazer os seus desenhos em pé mesmo, embora já tenha visto pessoas que recorrem a banquinhos. A maior necessidade é ter uma sombra



para se abrigar do sol de Salvador, ele diz. Então, em cerca de trinta minutos, uma hora caso seja algo mais elaborado, tem o sketch terminado.

Um outro olhar

Damasceno, que teve o primeiro contato com o urban sketching nas aulas de André Lissonger, na Faculdade de Arquitetura da UFBA, acredita ter desenvolvido um olhar mais humano para a cidade. “São as interações humanas que fazem a cidade. Aqui em Salvador, por exemplo, você tem muito barroco, mas também tem edifícios modernos no Comércio. Foram as pessoas que





Desenhos: André Lissonger (arquivo pessoal)

transformaram essa paisagem”, observa. Para o estudante, a prática do urban sketching ampliou o seu repertório arquitetônico. Por exemplo: qual a melhor maneira de ligar a sala e a cozinha de uma residência quando há um desnível entre as duas? Uma escada? Qual vai ser a largura dela? E a altura dos degraus? Vai haver perda espaço em um dos cômodos? Vai ficar esteticamente agradável? São problemas que, segundo ele, a observação da paisagem urbana ajuda a resolver.

Animado com o Encontro Nacional em Salvador, Damasceno observa que a cidade tem muita história e tradição. “São quase 500 anos de pessoas passando por aqui e deixando um legado, seja ele arquitetônico, ou não”, ressalta. Em setembro, durante o evento, os desenhistas irão passar por pontos ilustres da capital baiana como o Pelourinho, Elevador Lacerda e Santo Antônio Além do Carmo. Também ocorrerão exposições de obras dos urban sketchers Brasil na Galeria Canizares (da EBA/UFBA), na Galeria do Goethe-Institut e no foyer do Teatro Castro Alves.

Lissonger revisita a história para mostrar a importância dessa prática artística para a capital baiana. “É extraordinária a contribuição dos viajantes estrangeiros que aqui estiveram a desenhando. E a dos artistas que fizeram dessa cidade a construção de uma baianidade, a exemplo de Carybé. Todos foram desenhistas de ruas, nas ruas, registrando seu cotidiano, do nosso povo, das nossas crenças, foram Urban Sketchers na sua essência”.

Página 4, Praia da Paciência, no Rio Vermelho
 Acima, Nordeste de Amaralina num dia de chuva
 Abaixo, Feira do Nordeste de Amaralina
 Todos sketches de André Lissonger





Garotas e o assédio no mundo gamer

Mesmo sendo quase 60% do público de jogadores, garotas ainda sofrem preconceito nesse meio

Priscila Dórea

Gamer desde os 10 anos, Lorena Brito faz parte do crescente grupo de mulheres gamers do Brasil. “Principalmente nos jogos majoritariamente ditos masculinos, quando você encontra outras garotas é só alegria. Há aquele reconhecimento de “Meu deus, tem outra garota

aqui! Girl power, nós resistimos nesse mundo!”, ela desabafa. Esse ano o grupo Pesquisa Game Brasil (PGB) revelou que 58,9% dos gamers do Brasil são mulheres. É o terceiro ano consecutivo que o número de mulheres ultrapassou o de homens.

Ainda hoje é alarmante para um garoto descobrir que uma garota joga videogame. O tão cansativo mansplaining (quando um homem dedica seu tempo

para explicar algo óbvio a uma mulher) é comum e meninas se veem obrigadas a convencer meninos que sim, elas jogam e fazem isso muito bem. No entanto, o que essas meninas costumam receber como resposta é um torcer de lábios debochado. Mostrar conhecimento ou destreza durante uma partida dificilmente leva a algum respeito, embora gostar de jogar devesse ser argumento o suficiente.

As pesquisas do PGB - que são anuais e cobrem o mercado nacional de jogos -, observaram que o público feminino, que era de 47,1% em 2015, teve um significativo aumento em 2016, alcançando o número de 52,6% do número total de jogadores. Quase batendo a marca dos 60% em 2018 com seus 58,9%, gamers mulheres ainda sofrem muito assédio.

Fase 01: Jogo de menina?

No entanto, no mundo dos jogos os fatos não são argumentos suficientes. O machismo nesse meio, assim como em qualquer outra área, é uma cultura for-

te. “Nossa situação ainda é muito limitada por causa do preconceito, mas também por uma coisa mais subconsciente, que acaba tendo uma “consequência” grande, que é a falta de incentivo desde criança”, explica Lorena Brito, estudante de 21 anos. Ela lembra que, enquanto as meninas ganham inúmeras bonecas Barbie, os meninos ganham Playstation 4.

O tipo de presente que ganham evolui para o tipo de jogos direcionados para cada gênero. A definição de “game de verdade” coloca em evidência apenas aqueles de maior dificuldade. Estes geralmente envolvem violência e o público masculino abraça como seus, a exemplo dos jogos MOBA e MMORPG, como League of Legends e World of Warcraft.

Se você joga League of Legends você é gamer. Mas se gosta de passar horas no Candy Crush, você apenas joga Candy Crush. Ser gamer se tornou um status que jogadores de mobile parecem não merecer. O mesmo se aplica aos jogos de browser, onde você tem que construir uma cidade, por exemplo. E adivinha qual desses é considerado “jogo de menina”?

Fase 02: Ser uma garota ou não ser, eis a questão

Existe uma diferença entre ser desrespeitada por ser uma garota e ser tratada como uma garota dentro dos jogos. “Protegidas” por trás das telas, meninas têm a liberdade de serem quem quiserem. Por essa razão, a coisa mais fácil do mundo é encontrar uma garota por trás de um personagem masculino, mesmo que você nunca vá saber disso. “Muitas vezes posso até passar por uma menina no jogo e nem saber, porque não revelamos nossas identidades”, confessa Lorena Brito.

Jogadoras escondem-se atrás de personagens masculinos, mudando a forma de escrever nos chats e evitando conversar por áudio, não apenas para fugir do assédio, mas principalmente para evitar serem subestimadas por serem mulheres. Por outro lado, às vezes, “ser tratada como garota” - sendo vistas como mais fracas que os garotos - faz com que os personagens femininos sejam usados intencionalmente para que outros jogadores lhe deem itens que auxiliam durante o jogo.

Tornou-se comum jogadores homens terem personagens femininos que servem como suporte, ganhando itens, para seus personagens principais. “Nunca sofri nenhum tipo de preconceito ou assédio por ser mulher e jogar, mas notei algumas vezes que algumas meninas recebem um tratamento diferenciado por serem mulheres. Os outros players ficam em cima toda hora bajulando e elas recebendo alguns itens ou dinheiro no jogo, algumas se incomodavam e outras não”, conta a estudante Michelle Domingues.

Quando começou a jogar, Michelle, 23 anos, usava apenas personagens masculinos justamente por ouvir falar muito sobre essas “facilidades” dos personagens femininos, que queria evitar. “Mas depois fiz um personagem feminino e, como esse tra-

tamento nunca ocorreu, fiquei bem mais tranquila em usar mais deles e jogar numa boa”, confessa.

Fase 03: Online e Offline

Os ataques a gamers mulheres muitas vezes vão além de ofensas pessoais, resultando até mesmo em boicote à participação delas no jogo. Lorena Brito conta que, enquanto jogava DotA, seu time descobriu que ela era uma garota, e dois membros começaram a se deixar matar de propósito para que perdessem. Essa mesma situação se repetiu com outro time.

Existem também situações como o de Caroline Perrone, 32 anos, que foi assediada durante partidas no RPG de mesa: “Tinha um rapaz que falava abertamente que daria em cima de todas as personagens que eu fizesse, mesmo meu namorado estando na mesma mesa que ele durante os jogos”, ela conta.

Fase 04: O mundo perdido não está tão perdido

Ainda assim, não é impossível mulheres jogarem em ambientes saudáveis. O assédio pode ser grande, mas tem crescido a consciência de que essa agressividade cria um ambiente tóxico no jogo, especialmente para as mulheres, que já são a maioria dos jogadores.

Há grupos que realmente se empenham em garantir a diversão e rechaçam comportamentos agressivos. Michelle Domingues tem tipo uma experiência gamer positiva em todos os grupos que participou e não nega ter tido “sorte” nesse quesito. “Em todas as guildas que passei, sempre haviam muitas meninas, e acredito que cada vez mais estejam aumentando o número”, ela completa.

Fase 05: Games e Literatura

Érica Falcão, 48 anos, é uma escritora soteropolitana que embarcou no mundo gamers para escrever sua mais nova obra de ficção: Leuriaton - Dimensão Game. Na história conhecemos Anelise, uma garota de 14 anos aficionada por jogos eletrônicos, que embarca em aventuras que jamais imaginou quando coisas estranhas começam a acontecer. A autora, que também é professora da educação infantil, conheceu o divertido mundo dos jogos através do filho e percebeu o tanto de meninas que jogavam. Ao mesmo tempo tomou conhecimento do lado não tão divertido dos jogos.

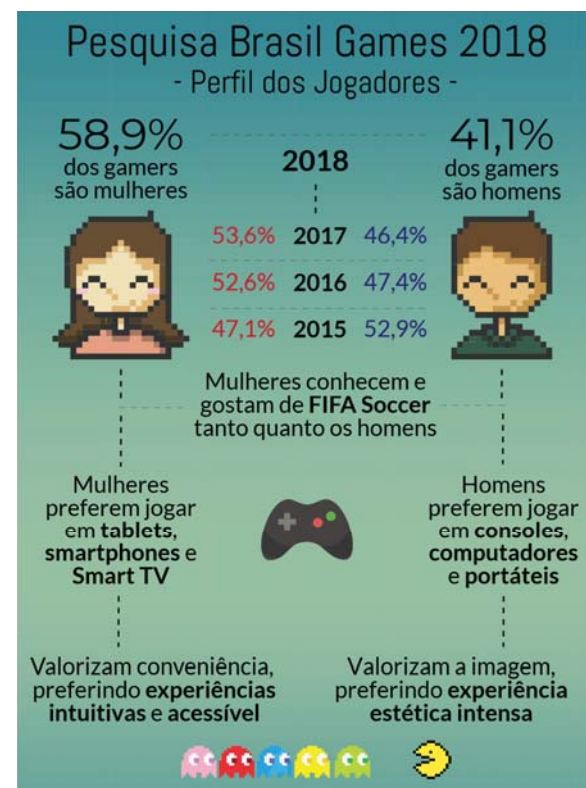
Além de ler relatos, a escritora entrevistou algumas garotas que sofreram preconceito por jogarem: “Fiquei triste ao constatar que, nos dias atuais, nós mulheres ainda passamos por tal discriminação. Para mim, o intelecto criativo do ser humano independe do sexo ou cor. Por isso, antes de criticar, se coloque no lugar do outro. Respeito e amor ao próximo devem estar presentes nas nossas ações”, comenta.

Fase Bônus: #MyGameMyName

O assédio e o bullying contra gamers mulheres tornou-se um problema tão sério que a ONG ame-

ricana Wonder Women Tech criou a iniciativa #MyGameMyName. Realizando eventos para produzir ideias e discussões, a ONG procura soluções para mulheres e pessoas sub-representadas alcançarem o sucesso no campo da tecnologia. Em janeiro deste ano ela lançou a campanha #MyGameMyName voltada ao mundo dos games.

A ONG convidou homens que são grandes nomes do cenário dos eSports e youtubers, propondo a eles um desafio: eles deveriam gravar suas experiências ao jogarem com personagens e perfis femininos. Além de conscientizar o público em escala mundial, a iniciativa busca pressionar a indústria dos games a tomar medidas mais efetivas contra o assédio sofrido pelas mulheres.



Glossário

Jogos de Browser: jogos que não precisam de download, podendo ser jogados em navegadores de web, como Chrome e Firefox.

MMORPG: é um gênero de jogo que permite que jogadores de todo mundo criem personagens em um mundo virtual e joguem juntos online.

MOBA: é um gênero de jogo no qual o jogador controla um personagem em uma batalha entre dois times, com o objetivo de derrotar a base inimiga.

Jogos de mobile: são os jogos específicos para celulares.

RPG de mesa: gênero de jogo conduzido por meio de discussão, no qual os jogadores executam fisicamente as ações de seus personagens. Para guiar as partidas, existe um narrador chamado de Mestre do Jogo, que decide as regras e maiores detalhes das partidas.



Passa-se este ponto

Comércio da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha teve redução de 74% das vendas. Mais de 200 lojas já fecharam.

Flávia Braga

Junho é um mês que traz consigo, além da tradicional festa junina, a geração de empregos no comércio de Salvador. Por isso, Thamires Silva, 22 anos, saía todos os dias de casa em busca de trabalho numa das lojas da cidade. Ela reside no bairro de Cajazeiras e, para chegar ao centro da cidade, onde esperava conseguir uma vaga temporária, ia em direção ao ponto de ônibus todos os dias às 6hs da manhã para pegar o coletivo, a primeira das três etapas do trajeto, que ainda incluía o metrô e uma caminhada de 15 minutos. Seu currículo foi entregue a Associação de Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa) e a jovem esperava conseguir uma vaga em uma das mais de 300 lojas da região. Mas Thamires não conseguiu a vaga desejada.

O corte das linhas de ônibus que levam a essa parte da cidade prejudicou Thamires não apenas na locomoção, mas na conquista da tão sonhada vaga temporária. Isso porque, segundo os comerciantes da Barroquinha, este ano o número de vagas temporária foi menor, reflexo da queda do fluxo de consumidores, que eles atribuem à extinção dos 21 itinerários de ônibus. Em 2017 foram abertas cerca de 1.500 vagas para as festas de fim de ano.

Uma das lojas que ainda não contratou nenhum vendedor temporário foi a Explosão, comér-

cio de moda localizado na Baixa dos Sapateiros. O proprietário, Antônio José Brito, conta que já teve cinco funcionários com carteira assinada, mas atualmente só conta com uma vendedora. Ele diz que gostaria de contratar dois vendedores para o período junino, mas está relutante em fazê-lo. “Depois que a prefeitura retirou os ônibus daqui a nossa vendagem caiu em torno de 74%”, conforme pesquisa realizada pelo Sebrae no primeiro semestre de 2018.

Aluguel mais barato

Com aluguéis baratos, a partir de R\$ 1.500, os lojistas sobrevivem a crise no vermelho e esperam os meses festivos para conseguir lucrar e pagar as dívidas. Os meses de junho e julho são decisivos. Rumores de que as lojas vão fechar estão assustando os vendedores. É o caso das vendedoras Adriele dos Santos e Tailane (que prefere se identificar pelo prenome). Ambas trabalham há nove meses na loja Grupo Deassis. As duas, que estão de aviso prévio, contam que seus patrões vão remanejar a loja para outro bairro, sem a possibilidade de manter os atuais cinco funcionários. Trabalhando em média nove horas por dia, de carteira assinada e sem vale transporte, as vendedoras, moradoras do entorno da Barroquinha, não precisam de transporte para chegar ao trabalho. Elas relatam que as vendagens

“foram junto com os ônibus que circulavam na região”. A sombra do desemprego é uma realidade para todos na região. Assim como Adriele e Tailane, muitos outros estão temendo ser dispensados após o período junino. Conforme afirma o comerciante José Brito, que está cogitando dispensar a única vendedora que lhe sobrou das três que já teve. Ele pretende dispensar a funcionária e dividir a administração da loja com sua mulher. “Talvez dispense até a carteira assinada e fique só eu e minha esposa”, afirma o comerciante, se referindo à vendedora que está chamando um dos poucos consumidores que passam em frente à loja.

Realidade

Comerciante há 40 anos na Barroquinha, o presidente da Associação dos Lojistas, Ruy Barbosa, aponta que a falta de ônibus, somada a retirada de uma parte significativa do Núcleo de Assistência Jurídica (NAJ) do Shopping Baixa dos Sapateiros, contribuiu para a diminuição de público em seu entorno, fez com que várias lojas fechassem e levou o shopping a viver uma crise mesmo antes da retirada das linhas. “Se você não tem órgãos públicos, pontos que façam com que o cliente venha até aqui, isso atrapalha”, explica.

Em janeiro passado os comerciantes da região fizeram uma manifestação no região para atrair atenção do poder público e tentar uma conversa, mas sem êxito. Com esperança de um dia melhor, comerciantes vão aguentando a crise com as lojas de portas abertas acreditando que a tradição do local como centro de compras será capaz de superar o mau momento para as vendas. Para eles, os preços mais baixos praticados na região ainda são um atrativo para os consumidores. É o comércio de rua mais antigo da Bahia e o mais barato, sinaliza Ruy Barbosa. A esperança dos lojistas é compartilhada por Thamires, que persiste em conseguir um emprego de carteira assinada na região.

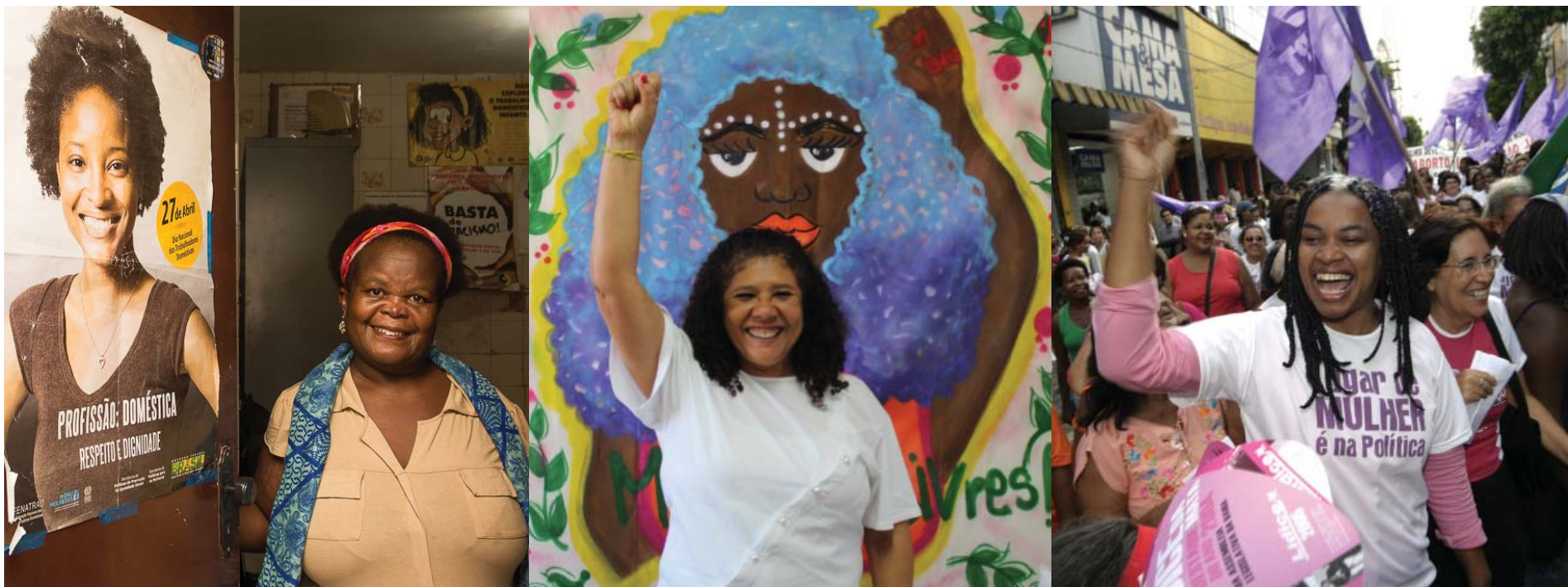


foto: Mateus Pereira/Divulgação GOVBA

Marinalva Barbosa, estudante de direito, diarista e diretora do Sindoméstico.
Foto: Matheus Buranelli/LABFOTO.

Marta Rodrigues, vereadora PT
Foto: Laila Nery

Olívia Santana, ex-secretária do Trabalho, Emprego, Renda e Esportes (Setre)
Foto: Sindicato dos Bancários da Bahia.

Pretas silenciadas

Quase um século após Antonieta de Barros, são poucas as mulheres negras na política

Laila Nery

Desde que a primeira mulher negra assumiu um mandato político no Brasil, a jornalista e professora catarinense Antonieta de Barros, em 1934, até hoje os avanços das mulheres negras na política têm ocorrido a conta gotas, com alguma melhoria a partir das últimas duas décadas. A Câmara dos Vereadores conta com oito mulheres em sua composição e só duas delas são negras. - Segundo dados do jornal Nexo, 45% dos filiados aos partidos políticos são do sexo feminino. Apesar do interesse delas na política poucas ocupam lugares de destaque. E em se tratando de mulheres negras, a situação é pior.

A vereadora Marta Rodrigues (PT/BA) afirma que “Salvador tem 53% de mulheres, somos maioria. Por que a câmara não corresponde a essa quantidade? E se a câmara fosse corresponder à realidade, seriam mulheres negras, que correspondem à maior parte da composição de Salvador”.

Segundo os dados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) em 2017, a Bahia ocupa o segundo lugar nacional em se tratando da população preta ou parda. Já Salvador, com 2.953.986 habitantes, 76,3% da população se autodeclarou preta ou parda no censo levantado pelo IBGE. Contudo, dos 39 deputados federais eleitos em 2014 pela Bahia, três foram mulheres. Com a renúncia de Moema Gramacho, que assumiu a prefeitura de Lauro de Freitas em 2017, restam duas. Apenas uma delas é negra, Tia Eron. Rodrigues afirma que o voto ainda é mercadoria na cidade: “A lógica das capitâneas hereditárias infelizmente ainda funciona em Salvador e quem tem o dinheiro e poder econômico acaba ‘looteando’ a cidade”, diz. “É filho de ‘fulano’, é filho de ‘sicrano”. As mulheres negras não se inserem nessa lógica. “Nós não compactuamos com isso, uma sobe e puxa a outra”, afirma.

Cota feminina?

Em 18 de março passado o Supremo Tribunal Federal (STF) votou a favor de modificações na lei 13.165/2015, decidindo que a distribuição de recursos do Fundo Partidário destinado ao financiamento das campanhas eleitorais das candidaturas de mulheres, deve ser feita na exata proporção das candidaturas de ambos os sexos, respeitado o patamar mínimo de 30% de candidatas. Tal medida

visa modificar essa estrutura política que ainda silencia as mulheres interessadas em participar das tomadas de decisões políticas. Marta Rodrigues foi presidenta do partido por três mandatos, antes de conseguir se eleger na Câmara Municipal. A falta de investimento nas campanhas dessas candidatas são alguns dos motivos mais apontados para resultados tão díspares. “No financiamento das campanhas também existem hierarquias, a grande maioria vai para os candidatos homens e depois, às mulheres”, diz.

Em entrevista ao portal Vermelho, a Secretária Municipal de Educação de Salvador, Olívia Santana, defende a necessidade da eleição de mulheres negras. A decisão do TSE trouxe “o lastro econômico básico que faltava às cotas dos 30% de candidaturas femininas que, até então, os partidos corriam para compor, mas sem uma estratégia política e financeira que garantisse efetividade na eleição de mandatos de mulheres”, diz. “Por isso, muitas líderes não queriam se candidatar. Sabiam que não teriam chances eleitorais reais”. Santana espera uma nova realidade a partir das mudanças determinadas pelo STF, “Nas novas condições, quando as urnas se abrirem, queremos que mulheres, na sua diversidade, brancas, negras, trans, também conquistem o direito de compartilhar poder com os homens.” Marta Rodrigues, ainda afirma que muitas mulheres têm sim vontade de ingressar na política partidária e, apesar de não acreditar que a Reforma das leis irá modificar as “capitâneas hereditárias” de Salvador, a vereadora tem esperanças que as mulheres negras estejam em maior número em 2020.



Quem é o bebê?

Presença de pets supera o número de crianças nos lares brasileiros

Larissa Costa

Uma mãe não sai de casa sem o equipamento do bebê. Sayuri Yamashita (27) também não deixa de levar consigo uma bolsa com brinquedos, água e lenços umedecidos, tudo para o seu filho, um bulldog francês chamado Boris. “É um cachorro muito especial. Desde que ele chegou mudou nossas vidas”, diz Sayuri, após cinco anos de convivência com o cachorro.

No Dia das Mães se tornou comum discutir nas redes sociais a legitimidade das “mães de pets”.

Trata-se de mulheres que reivindicam o mesmo espaço da maternidade tradicional e que se sentem realmente mães de seus bichos. Nesse debate, um lado argumenta que os pets não trazem tanta responsabilidade, nem o mesmo julgamento social que a maternidade de uma criança. O outro lado responde que o amor é o mesmo.

Sayuri não tem dúvidas do seu sentimento em relação ao seu cachorro. “Boris participa de todos os momentos, da ceia de natal até aniversário. Ele faz uma expressão quando a gente fala com ele, como se estivesse realmente ouvindo. Não sei se isso é coisa de mãe”. Ela o conseguiu através do

OLX, site de compra e venda. Borinho, como também é chamado, foi o último filhote a ser vendido. “Meu palpite é que ele ficou por último porque tinha as orelhas muito grandes. Mas pra mim ele era meu filho lindo”.

Mais bicho do que gente

A criação de animais é cada vez mais uma prática popular. Em 2013, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) apontou que em 44,3% dos lares brasileiros há pelo menos um cachorro e em 17,7% vive ao menos um gato. Somando, o total da população dos dois animais domésticos mais populares alcança a casa dos setenta milhões, número quase duas vezes maior que o total de 44,9 milhões de crianças de 0 a 14 anos, estimado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013.

A parceria entre animais e humanos começou há mais de 10 mil anos. Se antes os animais domésticos eram utilizados como caçadores, vigias e pastores, com o tempo se tornaram companheiros fiéis. Bruna Laranjeira que o diga. A farmacêutica de 24 anos tem a própria família, formada com



o namorado e dois vira-latas, Billy e Bob. Os dois já estabeleceram suas próprias rotinas dentro de casa: Bob extravasa toda sua energia correndo e roubando os brinquedos de Billy, enquanto este prefere cochilar no seu canto especial do sofá e é mais introspectivo. No final do dia, eles se unem e vão dormir juntos, em suas respectivas caminhas, no quarto do casal.

Bruna admite haver maior facilidade em ser mãe de pet. “Eu vou trabalhar tranquila, porque sei que posso deixar eles sozinhos”, comenta. “Mas eu sinto como se fossem meus filhos de verdade”. Sayuri concorda. “Acho que a responsabilidade que cabe à gente da criação é muita, mas nem se compara. Eu tenho um certo controle (sobre Boris) que com uma criança você não vai ter. Mas em relação a amor, comprometimento e respeito, eu acredito que seja tanto quanto”.

A ciência explica

O doutor em psicologia com experiência na investigação da interação humana e animal, Fabrício de Souza, ajuda a entender a questão. “Esses ani-

mais acabam simbolicamente sendo tratados como crianças. As mesmas formas que usamos para falar com elas – em psicologia, o ‘manhês’ – estendemos para os animais”. Fabrício salienta que é mais fácil se conectar com os animais mais domesticáveis e com aqueles que possuem características que lembram os humanos. É mais fácil gostar de um gato do que de uma cobra, por exemplo.

Parece haver consenso entre os amantes de animais sobre seus sentimentos para com os bichos. Mas será que eles amam seus donos? Um estudo desenvolvido pela Universidade de Skövde, na Suécia, analisou a relação entre donos e cachorros, colocando-os em uma sala para interagir por tempo limitado e depois coletando o sangue dos participantes. O resultado é que tanto os bichos quanto os donos tiveram um aumento do nível de ocitocina no sangue, o hormônio do amor, responsável pela construção do afeto entre humanos e seus filhos.

Pesquisadores da Universidade de Medicina Veterinária de Viena, na Áustria, também estudaram essa relação. Os cães tiveram seu comportamento analisado primeiro com a presença do dono e depois com desconhecidos. Eles ficavam mais motivados a ganhar comida na presença do dono e dificilmente interagiam sem ele. Esse fenômeno do ganho de confiança dos cães também é encontrado entre crianças com seus tutores, chama-se “secure base effect” (efeito de base segura, em tradução livre). “Uma das coisas que realmente nos surpreendeu é que cães adultos se comportam em relação aos seus cuidadores como crianças”, diz Lisa Horn, pesquisadora líder do estudo.

Apesar de agirem como elas, cachorros não são crianças. Como alerta a professora da Clínica de Medicina Veterinária da UFBA, Daniela Laranjeira, os cuidados que os animais demandam são diferentes. “A gente já precisa fazer terapia comportamental nesses animais, já tem muito bicho com distúrbio psicológico justamente por essas questões. A pessoa quer vestir o cachorro, dar banho toda semana, mas o que ele precisa é sair para passear, se sujar e brincar”.

Pegadas

Não se pode negar que muita gente considera os pets como membros da família. Atualmente, pode-se registrar o animal em cartório e estabelecer a propriedade. Mas se o casal não colocou o bicho no acordo pré-nupcial e o divórcio se torna uma realidade, ainda há a opção da guarda compartilhada. Tramita na Câmara dos Deputados o projeto de lei nº 1.365/2015, que estabelece parâmetros para a guarda do animal, alguns como ambiente adequado, disponibilidade de tempo e o grau de afetividade entre o animal e a parte que requer a guarda.

Talvez seja mais fácil entender todo esse afeto quando se fala de cachorros, justamente por

sua personalidade expansiva e brincalhona. E quanto aos gatos, tão acusados de serem ingratos e interesseiros? É possível construir afeto com eles? O professor universitário Nuno Manna garante que sim. “É um outro tipo de afeto. Quando você começa a entender que o gato demonstra carinho e afeto de outras maneiras, você valoriza outras coisas”.

Nuno tem duas gatinhas, Bianca, a vira-lata, e Nininha, a persa. As duas irmãs têm conflitos devido às diferenças de personalidade. Mas em alguns momentos elas trabalham em harmonia, como durante a caçada de uma borboleta. Esses momentos para Nuno são especiais. “Me considero pai delas em um sentido muito próprio. Eu tenho o cuidado de saber se elas estão bem. Os problemas delas são meus problemas também”.

O médico veterinário Pedro Guerreiro explica que essa cumplicidade é construída pela fidelidade dos bichos. “Você pode estar triste, mas o seu pet vai estar ali do seu lado, sempre demonstrando carinho. Eles mudam a auto-estima de qualquer pessoa”. Sayuri até brinca a respeito. “O meu namorado, o pai de Boris, quando vê uma criança fazendo birra sempre diz ‘Tá vendo? Meu filho não faria isso comigo’”.

A experiência da estudante universitária Juciane Pereira, 20, envolve duas gatas e dois cachorros, todos retirados da rua. A única que considera sua é a gata Bibi, que tem há 7 anos. A convivência com os animais pode ter despertado o instinto protetor de Juciane, já que ela cuida de todos eles. Mesmo assim, compara a própria vivência como responsável por um animal com a de outras pessoas, tutores de crianças. “Não é a mesma coisa”.

Há dois pontos em que todos os cuidadores concordam. O primeiro é que uma criança é uma responsabilidade maior. “Eu não tenho dúvidas que minha vida como pai de pet é muito mais fácil, apesar de que as vezes é difícil, principalmente em casos de saúde”, Nuno opina.

O segundo é a certeza do sentimento entre eles e seus pets. Enquanto Bruna afirma que espera ganhar presente no dia das mães, Juciane não tem tanta certeza se pode se chamar de mãe, apesar da sua gata ser seu bebê. E se Nuno se tornou vegetariano pela influência de suas gatas, Sayuri agora busca ajudar animais em situação de rua.

Os anos de companheirismo entre pets e animais já deixou pegadas. Desde Edgar Allan Poe que escreveu o conto “O gato preto” inspirado em sua gata Catarina, até Clarice Lispector que transformou seu cão Ulisses em história. Em todas as linhas já escritas em homenagem aos companheiros, destacam-se as de Lord Byron, no epitáfio escrito para seu cachorro Boatswain: Para marcar os despojos de um Amigo estas pedras se levantam/ Nunca conheci nenhum, exceto um único — e aqui ele descansa.

“Eu sinto como se fossem meus filhos de verdade”
Bruna Laranjeira



Do digital para os palcos

O teatro baiano é preto, gay e feminino

Liz Santana

As redes sociais chegaram à cena teatral local. Transpondo as montagens convencionais, produtores de conteúdo que ficaram populares através de seus canais na internet, estão levando seus personagens para os palcos. É o caso dos atores Sulivã Bispo e Thiago Almasy e da jornalista Maíra Azevedo, que desde 2017 vêm atraindo milhares de fãs ao teatro para rir e também refletir sobre questões de gênero, sexualidade, classe e raça.

Na rédea curta

Bispo e Almasy, criadores e protagonistas do projeto “Na rédea curta” (que antes se chamava “As frases de Mainha”), websérie de humor veiculada no Facebook e YouTube que retrata o cotidiano de uma família monoparental de Salvador, interpretam Mainha e seu filho Júnior. O projeto começou como uma fan page que veiculava cards com frases típicas das mães, e há dois anos evoluíram para vídeos de humor - alguns deles já atingiram quatro milhões de visualizações. Já o espetáculo “Frases de mainha - a peça”, dirigida por Thiago Romero, estreou em novembro do

ano passado, levando a dupla, que já atuava no teatro baiano, de volta aos palcos. Thiago Almasy diz que a websérie, responsável por lançá-los para um grande público, vem mudando a bilheteria dos espetáculos em que atuam, mas diz que fazer um teatro que “fale das coisas da Bahia” não é uma realidade fácil. O ator também fala da importância da formação de plateia e da falta de valorização disso na Bahia. “Nem todo mundo quer ver uma peça com um elenco formado por atores brancos e com sotaque neutro. Acho que o povo quer se ver nos palcos”, diz.

A relação das mães baianas com seus filhos, representada nos palcos, é um dos segredos do sucesso, na opinião Almasy. “O público se identifica muito com Júnior porque age ou já agiu da mesma maneira, ou porque conhece algum ou alguma por aí”, diz. O ator se surpreendeu com a receptividade obtida pelos fãs, que também viram na websérie uma crítica social. “Quando Frases de Mainha começou a estourar, não tínhamos grandes pretensões, mas então começamos a escutar que, além de engraçado, o projeto fala sobre afeto na periferia, sobre negritude em cena, sobre solidão da mulher negra, dentre outras coisas”, conta.

Representatividade em cena

Ator “negro de pele preta” e consciência racial fincada na sua ancestralidade, como ele mesmo



Sulivã Bispo atuando em Kaiala



Thiago Almasi atuando em Rebola

diz, Sulivã Bispo é ciente da importância de um artista com o seu perfil ter destaque. “Estar no palco, ver um corpo negro nesse palco, é o seguimento da resistência, é o seguimento desse legado”, afirma. “Fazer ‘Rebola’, ‘Anoitecidas’ e ‘Kaiala’ é dar a cara a tapa e dizer ‘Sociedade, vocês não estão conseguindo nos definir, nos diminuir’”, ressalta.

“Rebola”, que ganhou como melhor produção teatral no prêmio Braskem de Teatro no ano de 2016, peça que aborda o tema da sexualidade, é outra parceria do trio Almasi, Bispo e Romero. O espetáculo reflete sobre a homofobia e outras violências sofridas pelos homossexuais, especialmente os de pele preta.

A segunda peça desses trio foi composta usando as lembranças de suas mães - a biológica e a de santo, afirma Sulivã - e de outras mulheres importantes em suas vidas, além de trazer a questão da pouca presença feminina no teatro. “Quando você fala de espaço, você vê a mulher sendo muito pouco representada porque ele é dominado por brancos, machistas e as oportunidades são majoritariamente para eles”, afirma Sulivã.

Mulher, preta e nordestina no stand-up?

Quando se trata de representação feminina

nos meios digitais, um nome que merece destaque é o da jornalista e influenciadora digital baiana Maíra Azevedo, ou “Tia Má”, como ficou conhecida através das redes sociais. Fazendo o caminho inverso dos atores do “Frasas de mainha”, Tia Má ficou famosa inicialmente nas redes sociais, abordando, em seus vídeos frequentemente gravados dentro do seu carro, situações cotidianas que servem de gancho para discutir questões de autoestima, racismo, religião, gênero e sexualidade e feminismo. Expressões baianas como “Se oriente”, “Ordinário”, além do bordão “Tira o sapatinho e bota o pé no chão” estão presentes nos vídeos da influenciadora e conquistaram o público dos seus canais - apenas no Facebook, seu canal tem 430 mil inscritos.

“O palco é dominado por brancos, machistas e as oportunidades são majoritariamente para eles”

A militância via Tia Má rendeu à jornalista baiana, em 2015, um lugar entre as 25 negras mais influentes da internet. Há dois anos, ela é uma das parceiras do programa Encontro com Fátima Bernardes, na Rede Globo, onde também discute, de maneira crítica, temas que ainda são considerados tabus na sociedade.

Essa habilidade para tocar em temas delicados através do humor também está presente em “Tia Má com a língua solta”, primeiro stand-up de uma

mulher negra do País, que estreou ano passado em Salvador, com direção de Elísio Lopes Jr.. Em sua primeira experiência no teatro, Maíra Azevedo parte de situações vividas por ela mesma para refletir a situação de diversas minorias. A participação da peça no projeto Domingo no TCA, cujo ingresso custa o preço simbólico de R\$ 1, na manhã do Dia das Mães deste ano, lotou os 1.554 lugares da Sala Principal do Teatro Castro Alves. Mas o humor tipicamente soteropolitano de Tia Má já ultrapassou as fronteiras da Bahia e está circulando por várias cidades do País, com igual sucesso.

A Bahia é resistência no digital

Um canal muito popular é O +1! Filmes, que surgiu em 2010 e foi uma das primeiras produções de Salvador em plataformas digitais que trouxe com bom humor e acidez o cotidiano de baianos e baianas através de temas corriqueiros. O canal, que estourou em 2015, tem mais de 200 vídeos postados, 115.634.772 visualizações, 573 mil seguidores no YouTube e além desse espaço, eles têm Facebook, Twitter, Instagram e um perfil no Google+. Assim como em “Frasas de Mainha”, os capítulos são ambientados em Salvador, e os personagens utilizam de uma linguagem informal, marcada por palavrões e pelo “dialeto baianês”.

Saúde mental em jogo

A precarização dos Centros de Atenção Psicossocial e o descaso da Prefeitura com a saúde mental dos soteropolitanos

Thamires Almeida

Os soteropolitanos que dependem dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) para controlar transtornos mentais encontram dificuldades na capital baiana. As 18 unidades mantidas pela Prefeitura oferecem serviços precários aos usuários. A falta de profissionais de todas as áreas é um dos principais problemas. “Na maioria das unidades há falta de médicos psiquiatras e farmacêuticos, profissionais essenciais para o funcionamento dos centros, já que o médico prescreve a medicação e só o farmacêutico pode liberar sua retirada”, explica Janaina Moraes, gerente do CAPS de Pernambués.

De acordo com Lulia Maria Passos, gerente do CAPS da Boca do Rio, o problema da falta de profissionais está relacionado à dificuldade de adaptação dos servidores concursados ao serviço.

“Faltam psiquiatras e farmacêuticos”

Janaina Moraes,
gerente do CAPS de Pernambués

“Eles chegaram para substituir os terceirizados, pessoas que já trabalhavam há anos com os pacientes. Muitos dos colegas novos não conseguiram criar vínculos com os usuários e pediram relotação. Outros permanecem na atividade, mas não demonstram o empenho necessário para esse tipo de trabalho”, avalia.

Também é comum faltarem medicamentos essenciais no tratamento dos pacientes, diz Ana Paula Sacramento, coordenadora interina do CAPS do Jardim Baiano. “O que acontece nesses casos é a substituição da substância por outra similar”, afirmou.

A estrutura física das unidades foi apontada pelos usuários como um dos principais problemas enfrentados. Falta de acessibilidade, salas tomadas por mofo e infiltrações, risco de desabamento, mobiliário depreciado e a ausência de materiais para as oficinas foram algumas das queixas mais frequentes. “Aqui a gente vê a boa vontade dos técnicos, mas falta muita coisa, como material para as oficinas”, afirmou Dona Girleene Almeida, usuária do CAPS Jardim Baiano.

Outro problema lembrado foi a falta de veículo próprio em cada unidade. No passado, cada CAPS tinha um carro particular para auxiliar no atendimento. Agora, os veículos são compartilhados com os distritos sanitários e outros CAPS, e os usuários se queixam da redução dos passeios e visitas.

O secretário municipal de Saúde, José Antônio Rodrigues Alves, admitiu a falta de manutenção geral das unidades, mas joga a respon-

sabilidade aos usuários. Alegou que “a estrutura é depreciada mais rapidamente devido ao uso inadequado feito pelos próprios usuários”

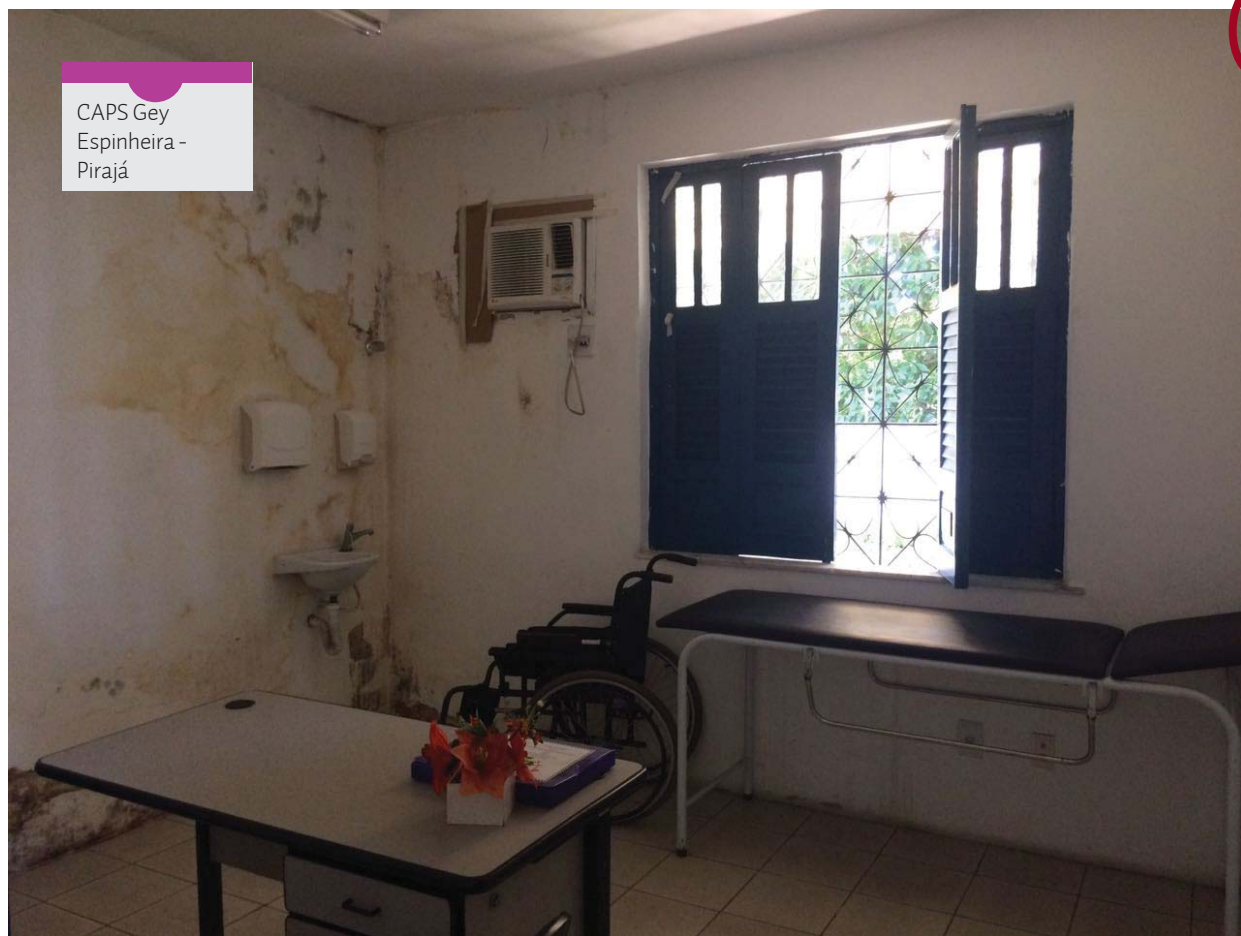
Para solucionar o problema da falta de adaptação e insatisfação dos profissionais concursados, o secretário sugeriu que devam ser estudadas outras formas de contratação, com exigência de experiências prévias na área e comprovação de habilidades pessoais para o tipo de trabalho desenvolvido. ●

O que são os CAPS?

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são um serviço de saúde aberto e comunitário do SUS. É local de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e persistentes e demais quadros que justifiquem sua permanência num dispositivo de atenção diária.

Os CAPS têm por objetivo oferecer aos seus usuários um tratamento que alie o acompanhamento clínico e os cuidados de reintegração social por meio do acesso ao trabalho, ao lazer, pelo exercício dos direitos civis, bem como pela construção ou reconstrução dos laços comunitários e familiares, visto que a exclusão social é um problema que tende a agravar ainda mais o quadro clínico daqueles que sofrem algum transtorno mental.

Com equipe multiprofissional (psicólogos, psiquiatras, enfermeiros e auxiliares, assistentes sociais, terapeutas, entre outros) são oferecidas diversas atividades: psicoterapia individual ou grupal, oficinas terapêuticas, psiquiatria, visitas domiciliares, orientação às famílias e ações comunitárias.



CAPS Gey
Espinheira -
Pirajá

Foto:

Resistência à violência



Fachada do bar Caras & Bocas estampa bandeira do orgulho LGBTI+

Localizado na Carlos Gomes, o bar Caras & Bocas sofreu seis ataques em menos de quatro meses. Vítimas acreditam que motivação é a LGBTIfobia.

Mariana Jorge

Para quem faz parte da população LGBTI+* de Salvador, curtir uma noite em um bar voltado para esse público tem se tornado cada vez mais arriscado. A intolerância e violência contra essa comunidade têm sido recorrentes na região do centro da cidade, onde estão concentrados a maior parte dos bares LGBTI+ de Salvador. Um dos casos mais recentes é o do bar Caras & Bocas. Após ficar fechado por três anos, o bar, que funcionou sem problemas por mais de uma década na Praia de Periperi, no Subúrbio, mudou de endereço para a Rua Carlos Gomes em janeiro deste ano. Em seus primeiros quatro meses de funcionamento, já sofreu seis ataques com projéteis de todo tipo, entre eles, sacos de gelo e pedaços de pedra lançados no telhado do estabelecimento, que resultaram em danos na estrutura física do local e clientes feridos. O bar, gerido pelo casal Rosy Silva e Alessandra Leitte, é conhecido por ser um espaço de cultura, arte e resistência das pessoas LGBTI+.

Na noite de inauguração, as proprietárias e freguesia foram surpreendidas com um estrondo na área de fumantes. Menos de 10 minutos depois, o estrondo se repetiu no teto da área da cozinha e do balcão. Ao todo, sete sacos de gelo e pedra foram arremessados contra o teto, danificando a telha. Não houve feridos naquela noite mas, em relato feito a equipe do Jornal da FACOM, Rosy Silva conta que os ataques na primeira noite pegaram a todos de surpresa. “Foi uma sessão de terror, eu nunca tinha visto e nem pensei que ia passar por aquilo. Eu e meus amigos não sabíamos o que fazer: se a gente corria ou se tentava se proteger”, descreve.

O primeiro ataque foi respondido com ato de rua, mobilizações nas redes sociais e repercussão na mídia local. Ainda assim, novos ataques se repetiram durante os três meses seguintes. Na madrugada do último ataque, em 27 de abril passado, um dos clientes saiu ferido após mais três sacos com pedras de gelo serem jogados no telhado do bar. Após esse ataque, o bar ficou fechado por 21 dias por conta da gravidade dos danos. “Eu e Alessandra estamos abaladas até hoje”, diz Rosy. “Pedimos inclusive acompanhamento psicológico ao Ministério Público porque qualquer coisa nos assusta. Chegou ao ponto que eu tive que decidir se fechava as portas ou enfrentava”.

LGBTIfobia

A 1ª Delegacia Territorial dos Barris foi notificada de todos os ataques, realizando quatro perícias no bar. Até a presente data, Rosy e Alessandra receberam o resultado de apenas uma das perícias, indicando que as pedras foram jogadas do Edifício Santo Amaro, que fica à direita do bar Caras & Bocas. Com o conjunto dos ataques, o Ministério Público da Bahia e a Defensoria Pública da Bahia

também foram notificados. Reuniões foram realizadas com a Secretaria de Segurança Pública e a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia. Nenhum suspeito foi identificado até o encerramento desta edição do JF.

O Caras & Bocas não é o primeiro bar da região a sofrer com ataques do tipo. Em 2017, o mesmo endereço era casa de outro point LGBTI+, conhecido como Freedom Music & Bar. O bar sofreu ataques semelhantes e fechou após dois meses. A DJ Adriana Prates, cliente que testemunhou dois dos ataques ao Caras & Bocas, conta que também esteve presente em um dos ataques ao Freedom. A principal motivação da violência contra o bar é a LGBTIfobia e o crime de ódio, afirma ela. “Eu entendo esses ataques como tentativa de homicídio”, desabafa.

“Tive que decidir se fechava as portas ou enfrentava”
Rosy Silva, proprietária

Ódio mortal

Por enquanto, ninguém ficou gravemente ferido nos ataques ao bar, mas a LGBTIfobia pode produzir, em casos extremos de ódio, vítimas fatais. Segundo dados do último relatório sobre pessoas LGBTI+ mortas no Brasil, produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), 2017 foi o ano com o maior número de assassinatos da população LGBTI+ no Brasil, contabilizando que aproximadamente a cada 20 horas, uma pessoa LGBTI+ foi morta de forma violenta por motivação LGBTIfóbica no país. A Bahia aparece no ranking como o terceiro estado com mais assassinatos, totalizando 35 mortes de um total de 445 vítimas da LGBTIfobia no Brasil. Os números apontam um crescimento desse tipo de violência. No ano anterior, o relatório do GGB aponta o total de 343 mortes, representando uma alta de 29,73% de 2016 para 2017. De acordo com os dados do relatório do GGB deste ano, atualizado diariamente em site oficial, 194 pessoas LGBTI+ foram mortas no Brasil até metade de junho, 13 delas na Bahia.

Trabalho informal cresce em Salvador

Tendência mundial, sobretudo nos países subdesenvolvidos, se fortalece na capital baiana

Bianca Meireles

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) foram fechados 20.832 postos de trabalho com carteira assinada em 2017 no Brasil. Com isso, as atividades voltadas para informalidade ganham força nas capitais do país e Salvador não fica de fora. Segundo informação divulgada, no mesmo ano, pela prefeitura de Salvador, 42% da população ativa de Salvador tem ocupação na economia informal.

Realidade bem conhecida por Cristina Souza, 54 anos, que atua como confeitadeira autônoma. Ela conta que a necessidade fez a ocasião, quando se viu mãe de três filhos e com uma rotina pouco flexível como contratada de uma cantina escolar, que lhe exigia uma jornada fixa de 40 horas semanais, considerada difícil por ela.

No ano passado, a prefeitura de Salvador, lançou o Programa Salvador 360, com a intenção de promover o desenvolvimento econômico da capital baiana. Um dos eixos do programa é o de Inclusão Econômica, onde se destaca o trabalho informal como importante elemento da economia soteropolitana. Sob a coordenação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur), a inten-

ção é estimular a veia empreendedora do trabalho informal, ofertando capacitação profissional e microcrédito. Estima-se até R\$300 milhões em microcrédito para os próximos anos.

O crescimento de profissionais informais, como Souza, não é uma realidade exclusiva de Salvador, é uma realidade da Bahia e de todo o Brasil. No último trimestre de dois mil e dezessete, o trabalho informal avançou na Bahia e quase 50% dos trabalhadores do estado integravam essa estatística, de acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos (SEI). Nesse mesmo ano, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o trabalho informal superou, pela primeira vez na história, o número de trabalhadores em empregos formais no Brasil. Eram aproximadamente 34 milhões de pessoas em empregos informais e aproximadamente 33 milhões de pessoas em empregos formais.

Carla Lopes, 43 anos, é uma dessas brasileiras que migraram da carteira assinada para o emprego informal. Trabalhou por mais de 15 anos como promotora de vendas com vínculo empregatício e, quando foi demitida, encontrou dificuldade em se realocar no mercado de trabalho. Ela optou, então, pela venda direta e se tornou consultora de beleza. “Precisava ter uma renda como autônoma. Além de ter mais tempo com meu filho, posso trabalhar em casa e fazer meu horário”, conta.

Percalços

Ser um profissional autônomo, integrando o grupo de trabalhadores informais, é uma tendência que, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), se estende por todo o mundo, sobretudo em países subdesenvolvidos. Quase dois terços da força de trabalho mundial estão na economia informal, ou seja, aproximadamente 2 bilhões de pessoas.

Verena dos Santos, 21 anos, representa a força de trabalho jovem, no início da vida profissional. Estudante universitária, encontrando dificuldade nos horários do mercado de trabalho formal, decidiu confeccionar brindes personalizados, “uma alternativa para driblar a crise e fazer meu próprio dinheiro”, diz. Mas o trabalho informal também tem seus percalços. Santos conta que não foi fácil conseguir empréstimo financeiro. “Houve dificuldade na solicitação de crédito no banco para a ex-



Neuza Oliveira,
professora
particular

42% da população ativa de Salvador está ocupada na economia informal



pansão da empresa. O crédito não foi liberado, não pude fechar novos negócios”, diz ela. Segundo a estudante, com isso o capital de giro foi encurtando, até o momento em que, para não acumular dívidas, decidiu fechar a empresa. A dificuldade de ter acesso ao microcrédito, apontada pela empreendedora, foi, aliás, um dos problemas destacados pela prefeitura no programa Salvador 360.

Na fala de todas as trabalhadoras autônomas entrevistadas para esta matéria, três queixas são recorrentes: dificuldade em mensurar o ganho mensal; clientes que atrasam pagamentos; e falta de benefícios (licença maternidade, afastamento por doença, férias, etc). Souza, por exemplo, precisou se submeter a uma cirurgia por conta de uma lesão por esforço repetitivo, ocasionada pelo trabalho, e não teve como cumprir o repouso solicitado pelo médico. “Meu problema na mão me atrapalhou muito e, mesmo sendo uma enfermidade, não pude me afastar”, lamentou.

O trabalho informal também existe como fonte de renda complementar, como no caso da professora particular Neuza Oliveira, 70 anos. “Minha aposentadoria é pouca e não supre minhas necessidades”, diz. Oliveira trabalha desde os 13 anos e, ao se aposentar, sentiu falta de ter uma atividade diária e como, segundo ela, seria muito difícil a reinserção no mercado de trabalho formal, por conta da idade, decidiu dar aula particular, “É pela renda extra e também por mim. Ocupo minha mente, consigo viver melhor e ainda fico feliz em educar as crianças”, afirma.

A informalidade cresce, configurando não só novas formas de trabalho, mas como um acirra-

mento da concorrência em algumas áreas. Lopes relata que, na sua área, de venda direta, são muitas pessoas atuando, sobretudo mulheres. Na avaliação dela, isso se dá pela fácil adesão. “Hoje em dia nem consultam mais se a pessoa possui dívidas”, diz. Com isso, a revendedora afirma que é preciso diversificar. “A empresa que revendo possui um mecanismo próprio de venda online. Vou me cadastrar e divulgar na internet, assim posso aumentar minha cartela de clientes”.

É preciso, além de se moldar a esse novo sistema de trabalho informal, onde não existem uma série de benefícios do trabalho formal, estar disposto a se reinventar para se tornar competitivo. A própria prefeitura de Salvador afirma que, para ampliar a renda do trabalho informal e de quem empreende nesse segmento, é preciso fornecer capacitação e aumentar as chances de acesso ao crédito.





Marcus 'Marcote' Amaral (short branco) finalizando preparação para sua primeira luta no Pancrase

Bahia no octógono

Com o sucesso de baianos no MMA, cada vez mais pessoas buscam o esporte

Elias Santana Malê

Na pátria do futebol, uma modalidade de luta, o MMA, vem crescendo em número de fãs e adeptos. Segundo pesquisa feita pelo Instituto Paraná Pesquisas, em 2017, o esporte já está na quarta colocação na preferência dos brasileiros, empatado com o atletismo e atrás apenas do futebol, do vôlei e da natação. A sigla, que significa Mixed Martial Arts (em português, Artes Marciais Mistas), se tornou conhecida entre os brasileiros há 16 anos, quando uma rede de TV aberta transmitiu a disputa do cinturão dos pesos meio-pesados do brasileiro Vitor Belfort com o estadunidense Chuck Liddell. Na ocasião, Belfort perdeu mas o evento deu impulso ao interesse por esse esporte.

O Brasil é o segundo em número de cinturões no Ultimate Fighting Championship (UFC), principal evento de MMA, perdendo apenas para os Estados Unidos. A Bahia tem muita relevância nesse cenário. É daqui que saíram quatro dos

18 cinturões já conquistados por brasileiros. O estado produziu ídolos como Rodrigo Minotaurro, Lyoto Machida e Júnior Cigano e um dos cinturões que o país detém hoje pertence à baiana Amanda Nunes.

O ex-lutador e professor de MMA da academia Associação Nordeste Jiu-Jitsu Renato Castro, 38, diz que esses fatores exerceram forte impacto no aumento do número de pessoas que buscam a prática do esporte. “Temos na academia cerca de 70 alunos de MMA, dentre profissionais e pessoas que só buscam a prática por gostar do esporte, sendo que algumas destas pessoas acabam se tornando lutadoras”, conta.

Baiano no topo

Com 25 anos de idade e há cinco como profissional de MMA, Marcus Amaral, o Marcote, entrou no mundo das artes marciais há 14 anos. Nascido e criado no bairro do Cabula VI, em Salvador, e dono de um cartel de 14 lutas (13 vitórias

e uma derrota), o baiano foi eleito pelo site Fight Matrix, em abril passado, o melhor peso-palha (até 52,2 kg) do mundo e atualmente está em preparação para sua estreia no Pancrase, um dos principais eventos de MMA do Japão e um dos mais antigos do mundo, contra o japonês Ryo Hatta, no dia 05 de agosto. Para o lutador, essa luta o aproxima de seu principal objetivo no esporte. “Assim como a maioria dos lutadores profissionais, meu objetivo é ser campeão mundial e esse contrato com uma organização internacional me deixa mais próximo desse objetivo”, revela.

Apesar do sucesso de lutadores baianos e do aumento na audiência das lutas, a realidade ainda é complicada para quem almeja um futuro no esporte. Para conseguir viajar ao Japão para a luta com Ryo Hatta, o peso-palha fez uma campanha de arrecadação de fundos para financiar as passagens dele e de sua equipe. “Na reta final do camp [preparação final para a luta], o maior obstáculo que eu tive foi tentar arrecadar o dinheiro para a viagem”, conta Marcote. O peso-leve Rodrigo Lídio, 28, profissional desde 2014, diz que a falta de incentivos reflete a realidade da cultura da sociedade. “A sociedade ainda não tem uma cultura marcial no Brasil e isso causa impacto na falta de patrocínios e de incentivo do governo”, avalia.

E as mulheres?

Para as mulheres, a realidade se mostra ainda mais complicada. Além da dificuldade financeira, elas ainda precisam lidar com outros adversários, como o preconceito. Lutando desde 2016, a amadora Gabriela Fernandes, 25, foi obrigada a dar uma pausa na carreira por conta da falta de adversárias em sua categoria, situação que ela atribui à ausência de espaço para as mulheres no esporte. “As mulheres ainda não têm muito espaço no MMA. Tem mulheres que treinam por gostar do esporte, mas acabam não competindo pela falta de atrativos”, conta.

Para ela, o fato de as mulheres receberem premiações menores que as dos homens nos torneios as afasta do esporte. “Em muitos eventos, as mulheres não costumam receber boas premiações, geralmente só recebem medalhas, enquanto os homens recebem outras premiações, [além das medalhas], como suplementos alimentares e materiais esportivos”, critica. Atualmente, a lutadora busca baixar seu peso para, em uma categoria de menor peso, conseguir adversárias para voltar ao octógono. No UFC, desde o início dos anos 1990, na criação do evento, existem categorias masculinas, enquanto só foi criada uma categoria feminina em 2012. Hoje, o evento estadunidense conta com 13 categorias, sendo apenas quatro destas femininas.

Esporte a sol e lona

No drible ou na raspagem, projetos comunitários ajudam crianças do Subúrbio Ferroviário

Adriano L. Motta

“Eu quero ser jogador profissional. Por quê? Porque sim!”. Frases como essa, dita por um dos garotos que atuam no projeto Revelação de Paripe, no bairro do mesmo nome, fazem parte do imaginário infantil de se tornarem atletas profissionais. O esporte tem o poder de fazer crianças sonharem com um futuro derrubando as adversidades que a vida lhes dá, seja no drible ou na passagem de guarda. No barro do Pela Porco ou na tatame espumado de Jiu-Jitsu residem as esperanças de diversos jovens de ter um lugar onde possam sonhar com a chance de se tornarem atletas profissionais.

Olho na bola, outro na escola

É o desejo, por exemplo, de João Victor. O jovem de 15 anos, ainda meio tímido frente a uma câmera fotográfica, se solta mesmo é com a bola nos pés. Sonha em ser jogador de futebol e entrou no projeto por causa disso. Uma vez dentro, descobriu também o valor de outra coisa: educação. Suas notas evoluíram desde que entrou no projeto. “Me ajuda a estudar”. É apenas um exemplo do real valor dessas iniciativas. Mais do que alimentar sonhos infantis, nesses locais os jovens encon-



(Acima) Projeto Revelação funciona há 28 anos em Paripe. (Abaixo) No Referência ensina-se jiu-jitsu a 60 alunos.



tram lugares que os incentivam a se manterem nas escolas e usarem a educação para integrar-se à sociedade. “Craque na bola, craque na escola”, um mantra do Revelação de Paripe.

O Revelação tem história nos campos de Paripe, especialmente no Pela Porco, como é popularmente conhecido o campo do bairro suburbano. Há 28 anos, o projeto acolhe garotos da área que jogam bola no campo e o utilizam como válvula de escape de uma realidade marcada por crises, escolas que não seguram seus alunos e insegurança. O curioso é que assim também começou o Revelação de Paripe: antigamente, era um antigo baba entre amigos e pais que foi se juntando a um outro projeto envolvendo esporte, feito por uma igreja. Foi aí que Marcos Gomes acabou entrando no projeto. Morador do entorno do campo, sempre jogou futebol ali quando era mais jovem e viu ali uma oportunidade de ajudar os garotos de sua comunidade.

O que começou graças ao amor pelo esporte de uns poucos moradores da área, ganhou relevância. Hoje, o projeto conta com 120 alunos cadastrados e um preparador físico, além de tomar boa parte do tempo do professor Marcos, como é conhecido pelos alunos. Para ele, todo o sacrifício feito vale a

pena. “É uma grande alegria, mesmo” diz Marcos. “A gente não consegue mais viver sem o projeto, nem nós nem eles. Envolve nossa vida, nossa família, nossos planos futuros. Colocamos o projeto acima de tudo”, se emociona.

“São eles que me dão a verdadeira recompensa”
Marcos Gomes, treinador

A importância de conciliar esporte com educação é clara para Marcos, coordenador do Revelação. Ele frisa a importância de manter mente e corpos, com escola e treinamento. “Quem vai mal na escola, aqui não joga. Hoje, esporte e escola precisam caminhar lado a lado. Por isso buscamos formar, além do atleta, o cidadão”, afirma Marcos, que usa até o grupo de whatsapp do time para tentar estimular a galera. “Todo mundo aqui joga, mas quero ver responder o teste da beterraba lá do grupo, aí eu quero ver”, diz.

Pode não parecer, mas existem semelhanças entre Neymar e Bruninho, jovem de 12 anos do Revelação. Se não há o mesmo glamour, malas da Supreme custando 6 mil dólares e salários milionários, se parecem no estilo. Ambos usam chuteiras coloridas, meião bem levantado e seu jeito driblador e provocativo de jogar em campo lembram o ídolo e astro da seleção. Quando pega na bola, já grita: “Igual o Neymar, ó”, antes de partir para cima da marcação. É um dos alu-



(Acima) Crianças aprendem luta e disciplina

(Abaixo) 120 meninos jogam bola no Pela Porco

nos mais antigos do projeto. Morando ao lado do campo e com o sonho de jogar futebol, entrar foi uma tarefa das mais simples. Manter-se lá, nem tanto.

Se seu jeito abusado e provocador o ajuda a passar dos mais diversos defensores, sempre o prejudicou na escola. Frequentemente envolvia-se em problemas onde estudava. Brigas e advertências da direção eram comuns. Conforme, porém, foi se integrando à equipe seu desempenho nas aulas foi melhorando. Por gostar do professor Marcos faz até os treinos físicos de que não gosta. Mais boleiro do que isso, impossível. Ajudar sua família, o motivo pelo qual sonha ser atleta, passa a ser possível não apenas com as chuteiras, mas com a cabeça também.

Respeito, Disciplina e Higiene

Uma coisa é facilmente notável quando se chega ao espaço onde acontece o Projeto Referência de Jiu-Jitsu: a disciplina. Cada aluno, sem exceção, que chega na academia passa e faz o cumprimento tradicional das lutas asiáticas. Pára e lhe dá um aperto de mão, seguido de uma pequena reverência em sinal de respeito. É uma das coisas que Álvaro Nobre acredita e prega aos alunos. “Respeito, disciplina e higiene são os três pilares do Jiu-Jitsu. São valores para a vida. Não adianta nada o cara ser bom aqui dentro e lá fora não”, diz.

Álvaro, mais conhecido como Venum, é um nome com história. Há 20 anos, começou a dar aulas de Jiu-Jitsu no quintal de sua casa, no bairro de Tubarão, para as crianças da comunidade por iniciativa própria. Desde então, passou por diversos lugares, mas conta que nunca deixou de realizar aulas aos pequenos que querem ser lutadores. “Já dei aula em várias academias, mas esse horário com a criançada sempre fiz questão de manter. São eles que me dão a verdadeira recompensa”, conta com o sorriso aberto que é característico por debaixo da barba meio intimidadora. Sob a égide da Edson Carvalho, uma das academias mais conhecidas do esporte no mundo e parceira do projeto, pôde dar continuidade a seu sonho. Hoje, o Projeto Referência conta com 60 alunos cadastrados.

Talvez sua chama pelas crianças vive por casos como o de Edinei. O menino de 8 anos nem havia acabado de completar sua primeira semana na academia e já estava aprendendo os primeiros golpes. Parecia estar no paraíso: brincava, corria por todo o tatame e mesmo sem o kimono, fazia os exercícios com toda sua energia. Era como se estivesse ali por toda uma vida. Sua mãe conta que Edinei sempre teve amor pela luta. “Em

“A gente não consegue mais viver sem o projeto”

casa, ele sempre fica brincando de luta com a irmã, agarrando ela, não a deixa quieta. Aí eu trouxe ele pra cá”, fala, enquanto segura uma bebê recém nascida no colo. Perguntar se ela está gostando é totalmente desnecessário: seu semblante de alegria

vendo o filho denuncia tudo. Até a mãe entrou no entusiasmo do filho. “Quando crescer, quero que seja um lutador. Sim. Ele, a irmã e essa menininha aqui”, ri.

Enquanto Edinei corre de um lado para o outro na academia, sons de alguém sendo derrubado são bem comuns. A jovem Bruna, de 13 anos, é uma das revelações da academia. Conta que começou a lutar há dois anos, quando participava de um outro projeto com o professor Álvaro. Sonha em ser lutadora profissional e já disputou diversos torneios regionais e nacionais. Literalmente, é a menina dos olhos de Venum. Sempre que possível, ele para e fala: “Tá vendo essa menina? Ela é muito boa, olho nela”. É só se distrair por um segundo e alguém é derrubado por ela. Bruna é a única menina e a melhor atleta. A intenção de Álvaro é levá-la para disputar cada vez mais torneios, assim como a todos os outros participantes do projeto. “A ideia aqui hoje é treinar para competir. Foi-se o tempo que fazia isso apenas brincar. Hoje o treino é sério”, enfatiza.

No Brasil, todos os dias surgem vários e vários Brunos, Brunas, Edineis, entre tantos outros garotos e garotas que sonham em virar atletas profissionais. Nesses lugares, eles conseguem pavimentar a tortuosa estrada desse sonho. Sonho que talvez se concretize, talvez não. Do campo ou dos tatames de hoje podem sair um campeão mundial de amanhã. Ou um bom cidadão, é o que basta.

COMO PARTICIPAR

Projeto Revelação de Paripe: Ir até a sede da equipe, no campo do Pela Porco (Av. São Luís, Paripe, Salvador - BA), levando boletim escolar atualizado e exame cardiológico atestando que o jovem está apto para praticar atividades físicas, além de uma autorização por escrito dos pais. Todo o projeto é gratuito.

Projeto Referência Edson Carvalho Jiu-Jitsu: Criança até os 12 anos treina de graça no projeto. Basta ir até o local dos treinos, a Academia Life-Up (R. Santa Fé, 167 - Paripe, Salvador - BA) e levar boletim escolar atualizado e exame médico atestando a capacidade de praticar atividades físicas.

Um registro sobre o tempo

O novo olhar empresarial dos sócios busca validar a importância dos números até mesmo na escolha dos horários da programação. (Marcelo Sá, Suzana Argollo e Sebastião Britto)

Foto: Luisa Calmon/LabFoto



Completando maioridade este ano, a Saladearte reflete sobre amadurecimento do grupo

Amenar Costa

Considerado como um dos espaços mais importantes da cena cultural soteropolitana, o Grupo Saladearte completa 18 anos em julho deste ano. Mas para um dos seus sócios-diretores, Marcelo Sá, o número em si não tem muita importância: “Para mim, o mundo não tem datas. Tudo foi ontem, tudo foi hoje”, diz ele. Apesar de não se ater às datas, Sá avalia que a Sala, enquanto empreendimento, finalmente alcançou a maturidade após quase duas décadas de trabalho e alguns momentos difíceis que exigiram resiliência e reinvenção dele e de

seus sócios Suzana Argollo, Ludmilla Cavalcante e Sebastião Britto.

A história da Saladearte tem início com o primeiro cinema, o Expresso Bahiano, inaugurado em julho de 2000 na área do antigo Clube Bahiano de Tênis, na Graça. Desde então, foram nove salas. Aos poucos, o circuito Saladearte foi se expandindo e abraçando novas vizinhanças e públicos que se interessam por filmes que não são exibidos nos cinemas comerciais.

O grupo está prospectando novos endereços e considera, inclusive, expandir para o interior baiano e outros estados. Feira de Santana e Aracaju são duas possibilidades, diz Marcelo

Sá. “A escassez de projetos culturais na cidade torna nosso projeto um verdadeiro oásis. Queremos abrir mais salas e levar significantes da arte mundial para os lugares”, afirma.

A pesquisadora e crítica baiana de cinema, Amanda Aouad, destaca esse papel diferenciado da Sala. Ela observa que se trata de uma alternativa cinéfila para Salvador, que dá espaço para obras de destaque nos circuitos de festivais internacionais importantes, que só chegam a ser exibidos comercialmente na cidade graças à programação da empresa. Para o gestor de programação da Sala Walter da Silveira, Adolfo Gomes, o circuito Saladearte é uma espécie de cinema-teca contemporânea. “Todas as semanas são, pelo menos, dez filmes diferentes espalhados pelas quatro salas”, destaca.

A rede já desenvolveu projetos como o Cine Educar e o Cine Diálogo, voltados para alunos da rede pública e privada, onde estes fazem do cinema uma extensão da sala de aula, além de outros como Cine Papo, Cinematógrafo, Double Bill e o Fórum de Psicanálise, todos esses abertos ao

público, tendo como finalidade promover discussões a partir dos filmes exibidos nas sessões. Mas, quem não conhece a história da Saladearte e leu essa matéria até aqui, pode nem imaginar que, em um passado recente, a continuidade desse projeto esteve seriamente ameaçada.

Maturidade

Entre os percalços enfrentados pelos empresários, dois ganham destaque: uma crise financeira em 2015 e um incêndio em 2017. Ao relembrar esse último revés, que atingiu a sala do Cine XIV, no Pelourinho, Marcelo Sá conclui que “tragédia mobiliza e imobiliza”. O incêndio representou uma perda material de mais de R\$ 400 mil ao grupo, além de esvaír as expectativas com o local, que recebeu um grande investimento para sua reabertura em 2016.

Em 2015 o grupo havia enfrentando uma crise financeira que fez seus sócios repensarem se iriam continuar ou fechar. A empresa de telecomunicações Vivo, até então a maior patrocinadora das duas salas de maior arrecadação, no

Paseo Itaigara, encerrou a parceria, deixando os empresários em dúvida se conseguiriam manter as outras duas salas, localizadas no Corredor da Vitória e no Canela. O problema tornou-se público e foi feita uma campanha em prol da manutenção das salas.

Uma das mudanças importantes naquela época foi a gestão econômica e financeira da Suzana Argollo, uma das sócias. “Aí o grupo deu uma virada. Começamos a entender a importância dos números, as informações que eles trazem. Eles ajudam a definir quais filmes entram, em quantas sessões, em quais horários (...) na programação você precisa entender sobretudo de números”, enfatiza.

O quadro de funcionários foi reduzido em mais de 30% e o grupo passou a valorizar os produtos já existentes (espaço publicitário em tela, pipoca, café) e criar novos (fazer eventos nas salas, trazer parcerias). A Agência Nacional do Cinema (Ancine) agraciou o grupo com o Prêmio Adicional de Renda, voltado para atualização e modernização das tecnologias de projeção e som das salas.

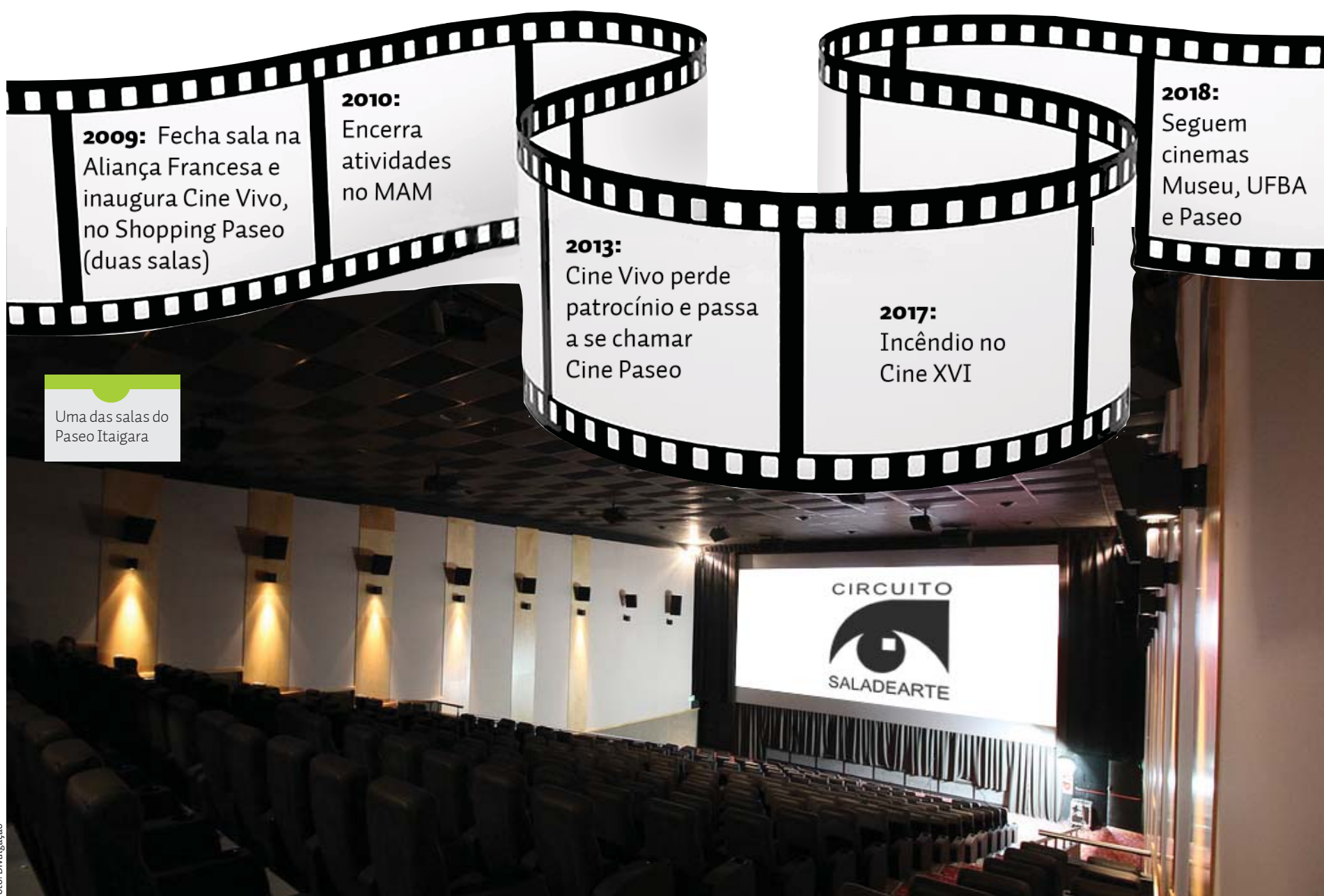


Foto: Divulgação



Código Preta

Um recorte de gênero e raça aplicado a tecnologia

I'sis Almeida

A pesar de recente, cresce cada vez mais o debate sobre a inserção de mulheres no campo da tecnologia. No entanto, a ausência de mulheres negras permanece pouco debatido. Exemplo dessa ausência é a campanha do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), que mostra o pioneirismo das mulheres na ciência. Nenhuma das 19 citadas é negra.

Em 120 anos de história, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) formou apenas 10 mulheres negras. Além disso, segundo o site Fortune, nos Estados Unidos apenas 4% das mulheres negras fundam ou participam da gerência de empresas de tecnologia.

A solidão nos espaços onde a tecnologia é debatida é uma das dificuldades apontadas por Joana Souza, estudante de Análise de Desenvolvimento de Sistemas da Faculdade SENAI/Cetind. “Às vezes você vai em um evento e tem somente uma ou duas pessoas negras, ou até mesmo, só você”, afirma.

Souza também integra a PyLadies Salvador, grupo de mulheres que utiliza o código Python, uma linguagem de programação. O grupo é um dos poucos que, constituídos apenas por mulheres, teve stand próprio na segunda edição da Campus Party na Bahia, ocorrida entre os dias 17 e 20 de maio na Itaipava Arena Fonte Nova. A Campus Party é o principal evento tecnológico realizado anualmente no Brasil. Joana ainda revela que a PyLadies soteropolitana é uma das que mais fala abertamente sobre questões de gênero e raça.

No Brasil, uma iniciativa tem chamado atenção por dar visibilidade a dados estatísticos que comprovam o baixo índice de participação de mulheres negras e indígenas no setor: a PretaLab, que acredita no protagonismo de meninas e mulheres negras e indígenas nos campos da inovação e tecnologia como forma de reduzir as desigualdades sociais do país. O projeto mapeia e divulga dados sobre a inserção dessas mulheres para incentivá-las a adentrarem ao ramo.

A PretaLab é uma iniciativa de Silvana Bahia, da ONG Olabi, organização social que busca democratizar a produção de tecnologia. Com sede no Rio de Janeiro, a instituição também é conhecida por ser um “makerspace”, espaço onde pessoas com interesses comuns se unem para experimentar tecnologias de todo tipo. O maior desafio do Olabi, segundo Silvana Bahia, é fazer com que as pessoas compreendam que a tecnologia não é algo distante delas. Tanto Silvana como Joana Souza percebem a ausência de pessoas negras nesse campo e mais especificamente, de mulheres negras e indígenas, como um problema que precisa ser debatido.

Disparidade

A situação política, econômica e social das mulheres negras é um fator decisivo para que elas não comandem áreas do mercado, dentre elas, a tecnologia. Para se ter uma noção, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior no Brasil. Os dados fa-

zem parte da pesquisa “Estatísticas de Gênero”, divulgada em 2018.

“É tudo uma questão política! O guarda-chuva mulher é muito amplo. A gente não parte do mesmo lugar quando está falando de mulher negra, reclama Sil Bahia, como é mais conhecida a diretora do Olabi.

Outro fator é a falta de estímulo. Mariana Barreiros, graduanda em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), conta que gosta de tecnologia desde pequena, mas nunca recebeu estímulo familiar. “Se estivesse fazendo direito ou medicina, meus pais estariam mais felizes”, reflete.

Educação como chave

Além da representatividade, a educação é um dos pontos primordiais para que jovens negras se interessem desde cedo pelo campo em questão. Para Sil Bahia, ainda se faz necessário pensar em vias de mão dupla. “São questões estruturais onde nós não temos metodologias educacionais pensadas para pessoas negras e outras minorias nesses espaços”, comenta.

Taís Ribeiro, é mestra em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação e trabalha como arte-educadora em escolas públicas e comunidades de Salvador. Segundo Ribeiro, ainda estamos muito longe das superações; “Para avançar como uma sociedade plural e justa, é preciso enfrentar as questões de equidade de gênero e diversidade racial”, alerta.

Quem vê a figura pequena e vaidosa com a aparência física de Luz Marina, 57 anos, provavelmente não terá a mínima pista de que se trata da diretora do Conjunto Penal Feminino de Salvador, em Mata Escura, o único presídio feminino do estado e que abriga dezenas de internas, a maioria delas afrodescendentes que estão ali devido ao tráfico de drogas. Luz Marina exerce a função há oito anos, mas trabalha na unidade desde a sua inauguração, em oito de março de 1990. Como ela mesma diz, conhece cada uma das mulheres que estão sob a sua responsabilidade e aposta que a criminalidade é, sim, um caminho que tem volta. “Se eu embrutecer esse ser que estou custodiando, esse prejuízo é meu aqui fora”, argumenta. Tal dedicação, que não cessa nem nas férias, é a origem do respeito que as internas têm por ela, diz a diretora. Em entrevista ao repórter Leonardo Sousa, Luz Marina conta, a seguir, um pouco da sua história com a unidade, fala das particularidades de um presídio feminino e da sua visão de que é possível ressocializar a população carcerária.

JF: É comum falar de superlotação dos presídios brasileiros. Contudo, no Presídio Feminino de Salvador isso não acontece. Por quê?

LM: A capacidade aqui são de 132 internas. Hoje, nós estamos com 88. Mas isso varia muito: aumenta e diminui, entra e sai. Já chegamos a ter entre 200 e 300 presas nesses 28 anos. Quando foi inaugurado, em março de 1990, havia 64 presas e em abril isso já desceu para 30 internas. Depois foi aumentando. Aí começaram a diminuir a parte da área construída para fazer outras unidades. Tiraram uma parte da feminina para construir a Central Médica Penitenciária, que é aqui dentro.

JF: Um dos maiores gargalos na administração de presídios masculinos é a presença de facções. Essa realidade se aplica ao Presídio Feminino?

LM: Aqui, às vezes, elas se intitulam de alguma facção. Se declaram, mas eu não sustento essa tese! Digo a elas que eu não tenho pátio para separar e que aqui não prospera essa história de facção. Elas, às vezes, querem copiar modelos masculinos, às vezes vêm tatuadas, e eu digo: “Ô, minha irmã, para com isso”. Elas dizem: “Ah, dona Luz, eu sou PC, eu sou Caveira, eu sou BDM”. Eu digo: “Aqui, a minha é nós, eu e Deus. Pode parar. Eu não vou admitir, que eu não tenho pátio para separar e todas convivem”. Então, aqui não tem separação por facção.

JF: Já pensou em comandar um presídio masculino?

LM: Já. Eu sei que para mim é difícil porque são mil pessoas lá dentro e é diferente daqui. Aqui, eu vou em cima daquela menos favorecida, as couros de rato, como elas chamam, e me aproximo. Aquela que não tem visita, que é abandonada. Eu já atendo todas, indistintamente. Se não tiver, eu busco junto à defensoria. Mas eu noto que em unidades masculinas, com as separações por facção, é tudo mais difícil.



Foto: Leonardo Sousa

Isso é para quem é apaixonado por gente

Diretora do Conjunto Penal Feminino de Salvador há oito anos, Luz Marina se dedica à ressocialização das internas da unidade

Leonardo Sousa

JF: Há muitos problemas de convivência entre as presidiárias?

LM: Elas brigam muito entre si. A relação com a mulher é muito conflituosa. Brigam por tudo. Muitas têm relacionamentos homoafetivos e aí o ciúme é muito acirrado. Toda hora é uma briga. Acho que o delegado da décima primeira (11ª Delegacia de Polícia, em Tancredo Neves) deve me xingar toda, porque toda hora é uma briga, aí eu tenho que mandar, entendeu? Eu digo: “Meu Deus, o homem tem tanta coisa para fazer e vou estar toda hora mandando”. Uma diz: ‘Dona Luz, tirou sangue de mim, manda ela pra delegacia. Vai assinar outro processo’. Eu digo: “Sim, meu irmão, é toda hora é isso, é? Pode parar! Eu não vou estar toda hora mandando para a delegacia por conta de briga de vocês, por causa de ciúmes”. Tem horas que tem que levar, né? Porque aí vem um advogado ver aqui, o que é que eu vou responder? Aí, muitas vezes eu mando.

JF: Você tem receio em exercer uma atividade que envolve tantos riscos? E seus familiares?

LM: Não vou lhe dizer que não tenho, mas me sinto destemida, por conta do tratamento que dou a elas. O tratamento diferenciado que dou faz com que elas me respeitem. Minha família tem medo sim, mas eles sabem que isso aqui é minha vida. Eu gosto muito. Quando estou de férias, em casa, continuo voltada para aqui. Isso é para quem é apaixonado por gente, entendeu?

JF: Qual foi a situação que, nesses 28 anos, mais lhe impactou?

LM: São muitas, mas me marca muito quando as crianças que nascem aqui são separadas das mães. Isso me comove demais. Fiquei feliz com aquele filme, “Central do Brasil”, que foi idealizado a partir de uma presa daqui, Maria do Socorro Nobre. Ela fazia carta para outras presas e lia cartas. E aí, aquela história de Fernanda Montenegro de leitora de cartas, foi idealizado por ela, então muita coisa foi feita aqui dentro. Eu achei que aquilo ali foi muito interessante.

JF: Você desenvolveu esse olhar cidadão com as experiências no presídio ou foi justamente isso que te levou a atuar na área?

LM: Não vim trabalhar nessa função por isso, mas desde quando entrei aqui, nunca procurava saber qual o delito elas tinham cometido. Claro que hoje eu sei da vida de todas, mas nunca tive essa visão punitiva. Eu sempre priorizei a ressocialização. Eu pensava: “Se embrutecer esse ser que estou custodiando, esse prejuízo é meu aqui fora”. Porque estou mantendo essa presa na prisão com o dinheiro do meu imposto. Depois ela sai, e eu não ofereço uma oportunidade na sociedade, ninguém oferece. Ela vai bater na sua porta, na minha, não vai encontrar essa oportunidade, aí vai para o traficante da esquina, volta a vender a droga, volta para aqui. De novo, eu vou pagar com o dinheiro dos meus impostos e vai ficar nesse ciclo. Vou embrutecer um ser que estou custodiando, que pode estar a qualquer momento lá fora e eu ser vítima dele. Então, penso que a vida é feita de oportunidades e escolhas. Se ela escolheu o mal e viu que não deu certo, ela pode trilhar pelo caminho do bem, ela vai ter outra opção e eu procuro direcionar neste caminho.

JF: Você acha que o encarceramento, nos moldes do atual sistema brasileiro, é a solução para o problema da violência no país?

LM: Sou contra encarcerar por encarcerar. Acho que a gente tem que dar prioridade à igualdade de direitos. Todas que chegam aqui, procuro ouvir as histórias. Muitas não têm referência familiar, muitas não tiveram educação, muitas nem pai e mãe tiveram. Eram criadas na rua, em situação de extrema pobreza e vulnerabilidade social. Então teve um porquê. Não teve a oportunidade que você teve, que eu tive, de estudar, de ter uma família